

## A INDEXAÇÃO DAS REVISTAS DE EXTENSÃO: A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA

T. C. F. Landim<sup>1</sup>; B. G. Matos<sup>2</sup>; <sup>3</sup>R. M. V. Chagas<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Biblioteconomia na Universidade Federal do Ceará, E-mail: [claralandim12@gmail.com](mailto:claralandim12@gmail.com); <sup>2</sup> Doutora em Administração, Editora chefe da Revista Extensão em Ação e Administradora na Pró-Reitoria de Extensão, e-mail [gm.beatriz@gmail.com](mailto:gm.beatriz@gmail.com); <sup>3</sup> Mestre em Avaliação de Políticas Públicas e Economista da Pró-reitoria de Extensão da UFC, E-mail: [muciochagas@gmail.com](mailto:muciochagas@gmail.com)

Artigo submetido em Setembro/2017 e aceito em Dezembro/2017

### RESUMO

A proposta deste trabalho foi realizar uma investigação acerca das revistas de extensão universitária no Brasil, a fim de observar questões relativas ao processo de indexação desses periódicos em bases de dados científicas. A importância dessa pesquisa justifica-se devido à desinformação existente com relação ao objetivo real das ações extensionistas, que muitas vezes são postas como atividades designadas apenas a preencher carga horária do docente responsável ou como mero mecanismo de viabilização de pesquisas piloto, ao invés de promoverem a interação entre a universidade e a comunidade ao seu entorno, como determina o Plano Nacional de Extensão do Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 2000). As revistas de extensão surgem como uma ferramenta capaz de combater esse pensamento equivocado, promovendo a

interação com a comunidade, e mostrando que as atividades de extensão são capazes de transformar positivamente a realidade social, caso sejam praticadas corretamente. Com relação aos procedimentos metodológicos, para a realização do estudo foi feita uma pesquisa de natureza exploratória a partir de dados secundários. Realizou-se uma busca por revistas de extensão brasileiras, utilizando como critério de seleção o cumprimento da periodicidade. Chegou-se a 30 títulos, de um total de 44. Porém, das 30 revistas selecionadas, apenas 8 são indexadas em alguma base. A partir desse resultado, percebe-se a necessidade de um aprimoramento e envolvimento do corpo editorial dos periódicos em busca da indexação em bases de dados, aumentando assim o alcance das publicações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indexação; Revistas de extensão brasileiras; Divulgação científica.

## THE IMPORTANCE OF INDEXING IN THE PROMOTION OF BRAZILIAN'S PERIODICALS

### ABSTRACT

The purpose of this study was to carry out an investigation about the university extension journals in Brazil in order to relating this theme to indexing these journals in scientific databases. The relevance of this research is justified due to the misinformation that exists regarding the real objective of the "extensionist actions" which are often understood as activities designed only to fill the workload of the professor or as a mere mechanism to enable pilot research. Instead of those promoting the interaction between the university and the surrounding community as determined by the National Extension Project of the Ministry of Education and Culture (BRASIL, 2000). Extension periodicals emerge as a tool to able of counteracting

this misguided thinking, and promoting interaction with the community, and showing that extension activities are capable of transforming social reality for the best, if practiced properly. The methodological procedures was an exploratory research based on primary and secondary data. There were searched Brazilian extension magazines, using as selection criterion the fulfillment of periodicity. We come to 30 journals selected, in which only 8 were indexed on some basis. From this result it's realized the necessity of an improvement and involvement of the editorial staff of these journals in in order to indexation in databases. That way increasing the reach of the publications.

**KEYWORDS:** Indexing; Brazilian extension journals; Scientific dissemination.

## INTRODUÇÃO

A legislação brasileira determina o ensino, a pesquisa e a extensão como sendo três elementos importantíssimos e indissociáveis do processo formativo dos estudantes de graduação (BRASIL, 1998). De acordo com Moita e Andrade (2009, p.237), a pesquisa e a extensão se configuram como “consequências naturais da docência, referências para que o ensino não se torne abstrato nem desligado das realidades locais”.

Porém, na prática, as atividades de extensão universitária são comumente negligenciadas pela comunidade acadêmica. Segundo Elpo (2004, p.2), “na comunidade universitária as atividades de extensão acabam ficando para segundo plano, voltadas a preencher carga horária ou como mero mecanismo em pesquisas piloto, ou ainda como ampliação do campo de pesquisa”. Ou seja, tais atividades acabam sendo vistas apenas como parte do ensino e da pesquisa.

Uma das ferramentas que podem ser utilizadas para impedir essa desvalorização das atividades de extensão nas universidades, são as ações de divulgação das mesmas. Dentre elas, destaca-se para essa pesquisa as revistas de extensão.

Tais periódicos atuam como um canal de comunicação entre a universidade e a sociedade, estreitando os laços entre ambas, além de possibilitarem o reconhecimento e a valorização de todos os professores, alunos e funcionários envolvidos nas ações extensionistas.

Entretanto, é imprescindível saber que o alcance de divulgação de uma revista depende intimamente da atividade de indexação da mesma em bases de dados científicas. As bases de dados atuam como um catálogo online, que disponibiliza acesso a diversos periódicos, facilitando assim a disseminação da informação.

Porém, não é todo periódico que consegue ser indexado. As publicações em bases de dados são respaldadas por critérios específicos para garantir a sua qualidade. Consequentemente, uma revista que consegue ser indexada em várias bases alcança, além da visibilidade, uma garantia de qualidade perante a comunidade científica.

Sendo assim, a proposta deste artigo é realizar investigações acerca das revistas de extensão universitária no Brasil, a fim de observar questões relativas ao processo de indexação desses periódicos em bases de dados científicas.

Para que isso seja possível, será necessário questionar: em quais bases de dados as revistas de extensão brasileiras estão indexadas? Que aspectos poderiam ser melhorados nas revistas para que as mesmas consigam indexar em uma base pela primeira vez, ou aumentar sua lista de bases indexadoras?

O artigo está dividido em seis partes. Inicialmente se apresenta a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; trata-se, em seguida, de discorrer sobre os periódicos de extensão e de bases de dados científicas; para, na sequência, expor a metodologia, a apresentação e discussão dos resultados e, por fim, elencar as considerações finais do estudo.

## **2 IMPORTÂNCIA DA INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

O ensino, a pesquisa e a extensão são o tripé de apoio do processo pedagógico nas universidades brasileiras. O artigo 207 da Constituição Federal de 1988 define estes três elementos como indissociáveis e igualmente necessários para que o processo de ensino-aprendizagem se dê de forma satisfatória.

Porém, ao observar a dinâmica das universidades brasileiras, é possível perceber que o que ocorre na prática durante os cursos de graduação, é uma maior ênfase no ensino, e conseqüente negligência da pesquisa e da extensão, impedindo que os três elementos consigam se articular de modo integrado.

Atualmente a grande maioria dos cursos superiores concentra a pesquisa exclusivamente no Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) e resume a extensão a palestras ou cursos complementares, quando tais elementos deveriam permear as atividades das disciplinas regulares ao longo de toda a graduação. (BARROS, 2012)

Nota-se que a extensão é o elemento mais preterido dos três, uma vez que seu propósito de promover a interação entre a universidade e a comunidade é frequentemente desvirtuado. Já a pesquisa mantém seu desígnio, apesar de não ser muito incentivada na graduação além dos Trabalhos de Conclusão de Curso.

Essa dissociação entre os elementos impede que os saberes sejam renovados (processo promovido através da pesquisa), e postos em prática (processo promovido através da extensão). Como consequência disso, os alunos acabam não desenvolvendo a autonomia intelectual e consciência crítica, que desenvolveriam ao tentar realizar suas próprias descobertas.

A importância de que essa autonomia intelectual dos discentes seja incentivada é o tema abordado por Paulo Freire em sua obra *Autonomia do Ensino*, na qual o autor aborda também a relação entre ensino, pesquisa e extensão. Segundo Freire (2002, p.32):

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar,

constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Apesar da extensão não ser citada diretamente pelo autor, pode-se perceber que ela não é relegada, pois se fala em intervenção como parte do processo de pesquisa e ensino. E a forma com a qual a Universidade intervém na sociedade é através dos projetos de extensão.

Nota-se então, que mesmo quando a intenção do autor era estabelecer apenas uma relação entre ensino e pesquisa, foi impossível explicar essa relação sem mencionar a intervenção, ou no caso do contexto universitário, a extensão.

Baseado nisso, pode-se entender que os três elementos são de fato indissociáveis. Sendo assim, por meio da divulgação direta das ações extensionistas que ocorrem através das revistas de extensão, há também a divulgação indireta do bom aproveitamento das aulas que foram ministradas e das pesquisas que foram feitas para que aquele conhecimento ali posto em prática pudesse ser alcançado. Pode-se entender que valorizar a extensão é valorizar a universidade em si.

Além disso, as revistas de extensão afirmam sua relevância ao servirem como exemplo de atividade extensionista que realmente cumpre seu propósito, e promove a interação entre a universidade e a comunidade, uma vez que as publicações são disponibilizadas para qualquer pessoa, ou seja, ultrapassam o muro acadêmico.

Postos a relevância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a necessidade de comunicar os resultados de ações de extensão para a comunidade, o tópico seguinte traz informações sobre as bases de dados científicas.

### **3 AS BASES DE DADOS CIENTÍFICAS**

As bases de dados científicas configuram-se como sendo um mecanismo de busca criado com o propósito de disponibilizar em um único local, o acesso a diferentes periódicos científicos. Elas surgiram no contexto da explosão informacional que houve na década de 1990, em decorrência da popularização da internet (TEIXEIRA, 2011). Nesse período, as revistas científicas começaram a aderir ao formato digital.

A partir dessa mudança no suporte dos periódicos, tornou-se muito mais fácil o envio, a transmissão e o recebimento das informações ali contidas, pois os leitores passaram a ter a possibilidade de acessar o conteúdo de determinado periódico dentro de poucos segundos, ao

visitarem sua página na web, demandando bem menos tempo do que levariam ao se deslocarem até uma biblioteca para terem acesso a um periódico impresso (TEIXEIRA, 2011).

Contudo, ao mesmo tempo em que o advento da internet facilitou o acesso à produção científica, também foi impulsionado um aumento da mesma, justamente por conta da maior facilidade em disponibilizar e obter informações:

O auxílio da Internet proporciona uma maior interação entre os indivíduos, permitindo que a criação, publicação, distribuição e uso das produções científicas aconteçam de forma integrada, simultânea e independente de espaço físico, aproximando, assim, autores, produtores e consumidores, ampliando as possibilidades de produção científica (DROESCHER; SILVA, 2013. p.177)

O aumento no número de trabalhos científicos disponíveis na web acabou por dificultar a recuperação da informação por parte dos leitores, que por sua vez tinham que analisar um número maior de periódicos/artigos em busca de registros que suprissem suas necessidades informacionais (TEIXEIRA, 2011).

As bases de dados surgiram no intuito de amenizar essa problemática, pois ao disponibilizarem em um único site o acesso à vários periódicos, poupam o tempo do leitor, que teria que visitar um site de cada vez.

É importante frisar que existem bases de dados especializadas em cada uma das áreas do conhecimento, como também há aquelas que são interdisciplinares, possibilitando a realização de buscas precisas.

Além disso, as bases de dados possuem uma série de critérios as quais os periódicos precisam se adequar, caso queiram ser indexados a elas. Esses critérios são desenvolvidos no intuito de atestar a qualidade e a legitimidade das informações.

Em decorrência dessas vantagens oferecidas ao leitor, é natural que as revistas indexadas em bases de dados consigam mais alcance de suas publicações, refletindo em um aumento de ser fator de impacto. O fator de impacto configura-se como uma medida que calcula o número médio de citações de artigos científicos publicados em determinado periódico (ANTUNES, 2015). Ter um fator de impacto alto, traz *status* para o periódico, e acaba por atrair autores:

Se conseguimos publicar um artigo numa revista de alto fator de impacto, temos a expectativa de que esse artigo será bastante reconhecido pela comunidade da área. Ou seja, num primeiro passo, ao aceitarem nosso artigo os editores dessa revista estão nos dizendo que ele é interessante e, possivelmente, atrairá a atenção de leitores. Em decorrência, os autores procuram publicar nas revistas de maior fator de impacto (VOLPATO, 2008. p. 43)

Atrair autores é imprescindível, pois se há escassez de trabalhos enviados, ficará difícil para que a revista consiga cumprir com a periodicidade das publicações, correndo até o risco de deixar de existir. Ou seja: a indexação em bases de dados é algo que interessa tanto para leitores, quanto para autores e para a equipe editorial das revistas, influenciando diretamente no futuro dos periódicos. No próximo tópico serão detalhados os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa.

## 5 METODOLOGIA

Com relação aos procedimentos metodológicos, para a realização do presente estudo foi feita uma pesquisa de natureza exploratória a partir de dados secundários e primários. O estudo exploratório, conforme ressalta Creswell (2008), se justifica quando o pesquisador não conhece as variáveis importantes a examinar. Uma vez que os conhecimentos a respeito da indexação das revistas de extensão eram limitados, este tipo de estudo se mostrou adequado.

Os dados secundários são aqueles que já foram coletados, tabulados, ordenados, e às vezes, até analisados, e que estão catalogados à disposição dos interessados (MATTAR, 2005). Uma vez que se tem disponíveis informações a respeito dos periódicos eletrônico de extensão a partir do site dos mesmos, e mediante acesso à plataforma Sucupira, a coleta de informações por meio de dados secundários apresentou-se como a mais razoável.

Porém, no decorrer do processo de coleta que ocorreu entre maio e agosto de 2017, as informações disponíveis nos sites das revistas se mostraram insuficientes, fazendo com que se fosse necessário o envio de e-mails aos responsáveis pelas publicações, proporcionando a obtenção também de dados primários. Segundo Mattar (2005, p. 159), “dados primários são aqueles que ainda não foram antes coletados. Eles são pesquisados com o objetivo de atender às necessidades específicas da pesquisa em andamento.”

Quanto ao universo a ser pesquisado, a princípio, se buscou identificar a totalidade das revistas brasileiras dedicadas à extensão, cuja apresentação fosse eletrônica. O ponto de partida foi o estudo de Coelho, intitulado *Revistas Brasileiras de Extensão Universitária*. O artigo, escrito em 2009, apresenta 29 (vinte e nove) revistas multidisciplinares dedicadas a extensão universitária (COELHO, 2014).

Posteriormente, foi identificada uma lista elaborada pela Universidade Federal de Campina Grande (2017), e disponível no site da instituição, contendo também um índice das revistas brasileiras de extensão universitária.

Chegou-se a um universo de 43 (quarenta e três) periódicos brasileiros destinados à Extensão. Em seguida, foram utilizados outros critérios de elegibilidade a fim de elencar os periódicos que seriam analisados, a saber: o bom funcionamento do site (não aparecimento de erros que impossibilitem o acesso) e o cumprimento da periodicidade, pois revistas que não publicam na data prevista muito dificilmente conseguirão indexar. A periodicidade é um dos critérios exigidos com maior frequência pelas bases de dados (ANDREATTO, 2010).

Limitou-se a 28 (vinte e oito) títulos, de um total de 43 (quarenta e três) revistas encontradas. Em seguida foram feitas observações a fim de se identificar as bases de dados em cada um dos 28 periódicos que atenderam aos requisitos. Observou-se que apenas 5 (cinco) periódicos indicam no site as bases de dados as quais estão indexados, ocasionando necessidade de realização de um contato mais direto com os responsáveis pelas publicações.

Sendo assim, neste momento foram enviadas mensagens aos endereços eletrônicos indicados nos sites dos periódicos os quais não disponibilizam informações sobre suas bases de dados, contendo questionamentos a respeito da realização do trabalho de indexação. De maio a agosto de 2017, apenas 4 revistas haviam respondido as mensagens.

Além dos sites das revistas, os dados secundários também foram obtidos a partir de consulta à plataforma Sucupira. O intuito desta coleta foi obter informações sobre o Qualis de cada revista referente ao último quadriênio (2012-2016).

## **6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

No Brasil existem 44 (quarenta e quatro) periódicos eletrônicos destinados à divulgação das ações extensionistas promovidas pelas universidades brasileiras, dentre os quais 43 (quarenta e três) são eletrônicos. As temáticas adotadas por tais revistas coincidem com as áreas de extensão, quais sejam: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Trabalho.

Destes 43 (quarenta e três) periódicos eletrônicos, 28 (vinte e oito) se mantêm com as publicações em dia, e destes 28 (vinte e oito), 9 (nove) conseguiram indexar em bases de dados científicas. O quadro 1, abaixo, contém os títulos dos periódicos ativos que conseguiram

indexar, indicando também ISSN de cada um, o qualis, a instituição editora, o ano de criação e as bases de dados indexadas (As informações são referentes ao mês de maio de 2017).

Quadro 1 – Identificação dos periódicos eletrônicos de extensão brasileira

Título	ISSN	*Qualis	Instituição Editora	Ano de Criação	Bases de Dados
Ciência em Extensão	1679-4605	B3	UNESP	2004	Latindex; Google Acadêmico.
Cultura e Extensão	2316-9060	B2	USP	2009	Latindex; CAPES.
Conexão UEPG	2238-7315	B1	UEPG	2005	Latindex; ERIH; Google Acadêmico; REDIB; OAJI; Dialnet; CAPES; BASE; CLASE; Sumários.org; Redalyc.
Em extensão	1518-6369	B3	UFU	1999	Clase; Latindex; EBSCO; DOAJ; Geodados; Google Acadêmico; Portal de Periódicos de Minas; Diadorim.
Extensão em ação	2316-400X	B4	UFC	2011	Google Acadêmico; Diadorim; Latindex; Sumários.org.
Extramuros	2318-3640	B4	UNIVASF	2013	Latindex
Revista Brasileira de Extensão Universitária	2358-0399	B1	UFSC	2003	Latindex; Diadorim; LivRe!; OAJI.
Vivências	18091639	B4	URI	2005	Latindex, Google Acadêmico.

Fonte: Elaboração do autor

\*Para fins de apresentação dos resultados foram considerados os indicadores Qualis de maior índice independente da área

No decorrer desta pesquisa, foi possível perceber que existem algumas deficiências no corpo editorial das revistas. Das 8 (oito) revistas que conseguiram indexar em algum banco de dados, 6 (seis) exibem tal informação no site. Porém, existem outras 2 (duas) que também são indexadas, mas que não fazem essa referência no site institucional (só foi possível identificar que são indexadas mediante o envio de e-mails). Estas revistas perdem uma ótima oportunidade para fazer divulgação, uma vez que a indexação em bancos de dados aumenta a visibilidade da revista e acaba sendo um incentivo para os pesquisadores que desejam publicar seus trabalhos.

Quanto às bases de dados, percebe-se que, dentre as 28 (vinte e oito) revistas eletrônicas de extensão ativas, 5 (cinco) revistas consideram o PKP (Public Knowledge Project), o SEER (Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas) e o IBICT (Instituto Brasileiro de



Ciência e Tecnologia) como se fossem indexadores. Contudo, o PKP não é base de dados e sim, uma iniciativa multi-universitária responsável pelo desenvolvimento do software Open Journal System, que possibilita a editoração de revistas (BARATA, 2017). O IBICIT foi o responsável para traduzir o Open Journal System para o português, e também não se configura como sendo uma base de dados. Já o SEER nada mais é do que o próprio Open Journal System, traduzido para o português (FERREIRA, 2008).

O Open Journal System não atua como catálogo, apenas auxilia na editoração. Sendo assim, nenhuma revista deveria incluí-lo na sua lista de bases. Excluindo-se as revistas que apontam o Open Journal System como base de dados, além daquelas que afirmam não terem indexado em nenhuma base, e as que não disponibilizam informações sobre as bases indexadoras no site (e não responderam aos e-mails), sobrarão um total de 8 (oito) periódicos indexados.

Dos 8 (oito) periódicos, todos são indexados no Latindex (Sistema Regional de Informação em Línea para Revistas Científicas da América Latina, el Caribe, Espanha e Portugal). Em seguida, vem o Google Acadêmico, com 5 (cinco) o Diadorim com 3 (três).

Depois, tem-se CAPES, CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades), OAJI (Open Academic Journals Index) e Sumários.org (2 periódicos indexaram),

E por fim, EBSCO, Geodados, Dialnet (Servicio de Difusión de Alertas en la Red), Redib (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico), Livre!, ERIH (European Reference Index for the Humanities), DOAJ (Directory of Open Access Journal), Redalyc (Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal), BASE (Bielefeld Academic Search Engine) e Portal de Periódicos de Minas (1 periódico indexou). No próximo tópico será descrito as principais considerações da pesquisa, incluindo questões para futuros estudos sob o tema indexação.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados encontrados sugerem que o universo de periódicos eletrônicos de extensão é amplo (43), porém apenas 28 (vinte e oito) estão conseguindo se manter ativos.

Uma ação que poderia fortalecer o cumprimento da periodicidade dos periódicos de extensão seria a submissão em bases de dados científicas, pois a indexação aumenta a visibilidade da revista e atrai autores, ao promover uma ascensão em seu fator de impacto.

Quanto mais autores submeterem artigos a determinado periódico, mais fácil será para ele se manter publicando na data prevista, pois quando há um elevado índice de submissão, é possível realizar uma seleção dos manuscritos de maior qualidade.

Porém, a periodicidade é um dos critérios mais exigidos pelas bases de dados, fazendo com que revistas que não cumprem a periodicidade não consigam indexar. Isso faz com que se crie um ciclo. A revista tenta indexar para aumentar o fator de impacto, mas não obtém sucesso, pois não consegue manter a periodicidade, em decorrência do fator de impacto baixo.

Uma saída possível para esse problema é tentar aumentar a visibilidade da revista através de outros meios, como, por exemplo, a criação de páginas nas redes sociais, que convidem potenciais leitores. Esse tipo de divulgação também pode fazer com que o fator de impacto aumente, pois, um leitor pode lembrar-se de algum artigo que achou interessante, e relacioná-lo com outra pesquisa que esteja fazendo. Ou mesmo ser influenciado a realizar uma pesquisa a respeito de algum tema abordado em alguma das edições, e usar o artigo da revista como base para seu trabalho.

Além disso, dos 28 periódicos que estão se mantendo ativos, identificou-se apenas 8 que conseguiram indexar em alguma base de dados. Através dessa informação percebe-se que, provavelmente, mesmo as revistas de extensão que cumprem a periodicidade não têm um serviço de indexação ativo, fazendo-se necessário um aprimoramento nessa área por parte do corpo editorial.

Seja qual for a situação em que a revista se encontre, o importante é continuar em busca da excelência, mantendo o esforço para divulgar o periódico, publicar em dia, e buscando garantir a regularidade das publicações e a originalidade dos trabalhos.

Para futuros estudos sugere-se a realização de uma análise dos formulários de solicitação de indexação das bases de dados citadas neste trabalho, para investigar por que há maior incidência de indexação em algumas bases em detrimento de outras.

## REFERÊNCIAS

ANDREATTO, Maria Regina. **Periódicos da Ciência da Informação em acesso aberto: análise da indexação**. 2010. 65 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina

ANTUNES, Alberto Azoubel. Como avaliar a produção científica. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**. v.42, n.1, 2015.

BARATA, Germana. **O acesso aberto como política científica institucional**. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/germana-barata/acesso-aberto-como-politica-cientifica-institucional>>. Acesso em 08 set 2017.

BARROS, Virgínia. **Reforma universitária: o desafio da qualidade no ensino superior**. Disponível em: <<https://www.une.org.br/2012/11/reforma-universitaria-o-desafio-da-qualidade-do-ensino-superior/>>. Acesso em: 05 set 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10650167/artigo-207-da-constituicao-federal-de-1988>> Acesso em: 30 ago 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Fórum de Pró - Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC. 2000. Disponível em: <file:///C:/Users/UFC/Downloads/Plano%20Nacional%20de%20Extensao.pdf>. Acesso em 30 ago 2017.

COELHO, Geraldo Geni. Revistas acadêmicas de extensão universitária no Brasil. **Revista Brasileira de Extensão Universitária** v. 5, n. 2, jul- dez. 2014

CRESWELL J. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2008.

DROESCHER, Fernanda Dias. SILVA, Edna Lucia da. O pesquisador e a produção científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v.19, n.1, 2014.

ELPO, M. E. H. C. Avaliação da extensão universitária na proposta do SINAES. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2, 2004, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: [s.n.], 2004

FERREIRA, Ana Gabriela Clipes. **Editoração Eletrônica de Periódicos Científicos: o uso do SEER como ferramenta de padronização para revistas brasileiras na web**. 2006. 62 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Documentação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17709/000717757.pdf?sequence=1>>. Acesso em 10 de julho de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE. **Revistas de Extensão**. Disponível em: <<http://extensao.ufcg.edu.br/component/content/category/94-sobre-a-propex.html>>. Acesso em 02 de maio de 2017.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, 2009.

TEIXEIRA, Marcelo Votto. **O que são as bases de dados científicas?** Disponível em: <<https://bibliotecaucs.wordpress.com/2011/10/27/voce-sabe-o-que-sao-as-bases-de-dados-cientificas/>>. Acesso em 30 ago 2017.

VOLPATO, Gilson Luiz. Publicação científica e indexação. In: XLI Congresso Brasileiro de Fitopatologia, 2008. **Anais**. Botucatu: UNESP, 2008.